

"PORQUE A LUTA, ALÉM DE SER DE COR, DE ETNIA, É TAMBÉM DE CLASSE SOCIAL": Uma entrevista sobre terreiro, política, cultura e educação.

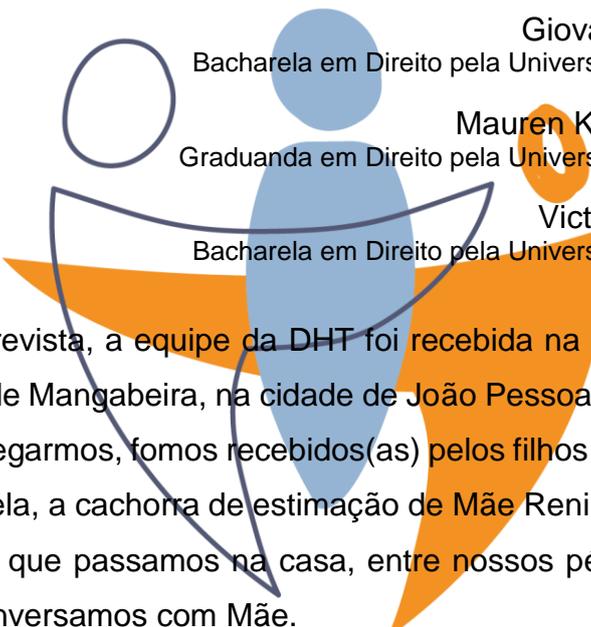
Antônio Pedro Casqueiro dos Santos¹
Graduando em Direito pela Universidade Federal da Paraíba.

Gabriela Novaes Santos²
Cientista Social pela Universidade Federal da Paraíba.

Giovanna Ignowsky Borba³
Bacharela em Direito pela Universidade Federal da Paraíba.

Mauren Kelly de Souza Santos⁴
Graduanda em Direito pela Universidade Federal da Paraíba.

Victor de Oliveira Martins⁵
Bacharela em Direito pela Universidade Federal da Paraíba.



Para esta entrevista, a equipe da DHT foi recebida na casa de Mãe Renilda, localizada no bairro de Mangabeira, na cidade de João Pessoa, na tarde do dia 18 de maio de 2024. Ao chegarmos, fomos recebidos(as) pelos filhos de santo que estavam presentes e por Estrela, a cachorra de estimação de Mãe Renilda, que ficou conosco durante toda a tarde que passamos na casa, entre nossos pés e recebendo nosso carinho enquanto conversamos com Mãe.

Nos acomodamos nas cadeiras do terraço ventilado da casa e não esperamos 5 minutos completos, quando Mãe Renilda logo apareceu e nos cumprimentou individualmente. Logo tratou de verificar se estávamos confortáveis e pediu que deixassem água disponível em uma mesa próxima. Também recomendou a uma de suas filhas de santo que fossem preparados lanches para toda a equipe.

Após informar à Mãe Renilda que a entrevista seria conduzida por Vic Martins (editora chefe) e Antônio Pedro (editor adjunto), mas com intervenções de Giovanna

¹Editor Adjunto da Revista Direitos Humanos e Transdisciplinaridade.

²Editora Adjunta da Revista Direitos Humanos e Transdisciplinaridade. Mestranda em Antropologia Social (PPGAS/UFRN). gabrielanovaesantos@gmail.com.

³Editora Chefe da Revista Direitos Humanos e Transdisciplinaridade. giovanna.ignowskyb@gmail.com.

⁴Componente do Fluxo de Funcionamento da Revista Direitos Humanos e Transdisciplinaridade. mauren.kellys@gmail.com.

⁵Editor Chefe da Revista Direitos Humanos e Transdisciplinaridade. vicdeoliveiramartins@gmail.com.

Ignowsky (editora chefe), Gabriela Novaes (editora adjunta) e Mauren Kelly (componente do fluxo de funcionamento) — com todas as pessoas do recinto confortáveis — pedimos permissão de Mãe Renilda para gravar a entrevista como forma de auxílio futuro para a transcrição que segue:

Vic: A senhora já quer começar?

Mãe Renilda: Sim, pode ser. (Em direção ao interior da casa) Ô, Irene! Eu só atendo o telefone quando terminar aqui, tá certo?

Vic: A senhora está com a tarde livre?

Mãe Renilda: Estou sim, estou livre.

Vic: Vamos ter um papinho, uma apresentação inicial só para situar. (Apontando para cada pessoa da roda) Essa é Giovanna Ignowsky, editora chefe da revista junto comigo. Essa é Gabi Novaes...

Mãe Renilda: Gabi eu já vi não sei aonde...

Gabriela: Já, eu toquei [berimbau] quando teve uma programação lá no CRAS do Roger, a senhora chamou...

Mãe Renilda: Ah! Foi o evento da igualdade racial, não foi?

Gabriela: Foi, eu fui com a Dani.

Mãe Renilda: Dani é minha filha de santo.

Vic: Gabi é nossa editora adjunta. Continuando, essa é Mauren, ela também compõe a revista; Pedro você já conhece, né?! E eu (Risos). Nós montamos um roteiro, bem básico, para apresentar a ideia, a proposta...

Mãe Renilda: Você acha que essa zoada vai atrapalhar? Aqui passa bastante carro.

Vic: Não, até porque a gravação é mais pra gente escutar depois e fazer algumas anotações.

Giovanna: Queria saber se a senhora autoriza tirar algumas fotos da senhora.

Mãe Renilda: Pode, pode sim!

Vic: Bom, boa tarde, primeiramente pedir agô, né? Saudar a senhora, Mãe Renilda, e saudar Oxóssi, Okê Arô. Estamos começando mais uma entrevista, meu nome é Vic Martins, sou a editora chefe da Revista Direitos Humanos e Transdisciplinaridade, mas nos conhecemos por causa da Defensoria, certo Mãe? Principalmente a Coordenadoria de Combate ao Racismo, supervisionada pela Dra Aline Mota, e vou pedir que a senhora se apresente, ninguém melhor que si mesma para falar um pouco de si.

Mãe Renilda: Eu sou Mãe Renilda, esse meu nome é um nome de conquista das lutas sociais, após um pastor se recusar a me chamar de “Mãe”. Mesmo chamando outras figuras com o título de padre ou pastor, não me chamava de mãe dizendo que eu não era mãe dele, levei [o caso] para a justiça e agora meus documentos constam “Mãe Renilda”. Iniciei no Candomblé e na Jurema aos 14 anos de idade, hoje estou com 69. Comecei num terreiro no bairro de Cruz das Armas nos anos 70 e tenho uma trajetória muito grande nos movimentos sociais, principalmente no movimento negro, e é no movimento negro que construímos essa política inclusiva das comunidades tradicionais de povos de terreiro. É o movimento negro que traz essa construção de política para povos de terreiro, para quilombolas, indígenas e também para os ciganos. Se não fosse o movimento negro, os terreiros não estavam com essa visibilidade hoje. No movimento negro entrei na política partidária, hoje sou do PSB⁶, mas também já fui do PT, e sou militante do movimento negro ativista. Já fui coordenadora das mulheres do PSB, atualmente coordeno a rede de mulheres de terreiro e o Ilê Axé Oju Ofá Dana Dana. Sou conselheira de saúde do Estado da Paraíba há mais de 15 anos, estou na construção do Conselho Estadual da Promoção da Igualdade Racial (CEPIR). Sou feminista, milito no movimentos das mulheres e, há mais de 20 anos, também sou madrinha do movimento LGBTQIAPN+. Inclusive, ontem (17/05) tivemos o Dia Internacional de Combate à Homofobia e hoje (18/05), dia da entrevista, é o Dia Nacional de Enfrentamento ao Abuso e à Exploração Sexual da Criança e do Adolescente, e nós sabemos que as crianças mais violentadas, neste sentido, são as pretas.

⁶Partido Socialista Brasileiro.



Mãe Renilda de Oxóssi concedendo entrevista à Revista DHT (Giovanna Ignowsky Borba/DHT)

Vic: Hoje é dia também de outra luta.

Mauren: Isso, é o Dia Nacional da Luta Antimanicomial, e interessante que a luta antimanicomial começa com os trabalhadores, familiares e pessoas que estavam nos manicômios ali no final da década de 70, e são essas pessoas que, de lá até hoje, estão nos manicômios, né?

Mãe Renilda: PPP: Pretos, pobres e putas. Todas as lutas sociais perpassam por isso aí. A gente precisa discutir que, ainda hoje, as pessoas que são de terreiro, médium, filhas de Orixá, são tratadas como pessoas loucas, e nós tivemos aqui na Paraíba um presidente de federação que foi para um jornal dizer que 90% das pessoas internadas em manicômios eram tudo gente de terreiro, nos culpabilizando. Tivemos um embate muito grande e esse preconceito, esse racismo, é diário. Não conseguimos passar meia hora sem sofrer, é estrondoso. Acontece quando vamos ao supermercado, acontece no trabalho... E olha que eu uso esse turbante desde os anos 70 aqui, viu? Eu estava lá quando João Agripino assumiu o governo e liberou a religião aqui, mas mesmo assim ainda não se acostumaram. Parece que esse turbante é uma coisa nova, e isso vem de pessoas mais velhas, não é da juventude.

Por isso, precisamos acreditar na educação que vem da criança, do adolescente, para mudar o mundo. Eu acredito na juventude. É como uma casa, tem que construir desde a base, no alicerce, se não construir no alicerce ela cai. O preconceito vem até da família, que dizem que “trata igual” mas a gente percebe que isso já é um racismo velado, até marcando encontros familiares na hora das obrigações do terreiro... “Ah tia, a senhora não vem não? Muda o dia da obrigação”... Eu sei que eles não fariam isso, eu tenho diácono, tenho pastor na família e eles não deixam os cultos deles para ir em uma festa, mas quer que a gente deixe os nossos, isso é velado. Hoje eu parabenezo muito a Defensoria Pública porque é um espaço de poder onde podemos, ao menos, nos lamentar, porque quando chegamos às instâncias da justiça dificilmente essas pessoas são condenadas.

Vic: Eu pretendia perguntar se a senhora, como pioneira das casas de terreiro de Nação Jeje em João Pessoa, sente alguma mudança na intolerância que os povos de terreiro sofrem das instituições desde seu começo até os dias de hoje, após a expansão do Candomblé?

Mãe Renilda: Vamos nos reportar ao início, lá no anos 60, no governo ditatorial de Pedro Gondim. Nessa época, existia um tipo de polícia chamado “macaco do governo”, que eram os homens pretos que faziam de tudo para estar na polícia mas não tinham estudo para participar da força policial. Os “macacos do governo” eram considerados policiais e ficavam nos postinhos de polícia da época, que só tinha uma salinha minúscula que sempre estava cheia de pessoas pretas presas por estes “macacos do governo”. Começamos a revolução quando João Agripino se candidatou a governador e se comprometeu a, se eleito, liberar os terreiros e o jogo de bicho na Paraíba. Ele se elegeu e cumpriu com o prometido mas, mesmo com a assinatura da Lei 3.443/66, existia um policial chamado Seu Silva que ficava recebendo a documentação das pessoas de terreiro, levava para o cartório, depois trazia para a delegacia, para só então levar para um juiz assinar e liberar o terreiro para funcionar, mesmo com a lei permitindo. Daí surge Rodrigues, que era do governo do estado na época e sua mulher fazia parte de um terreiro, e ele funda a primeira Federação, mas cobrando um valor para levar os documentos do cartório para a delegacia. Esse Rodrigues, que não era pai de santo nem nada, fazia um teste com você para saber se você tinha capacidade de abrir um terreiro, pedindo que a pessoa que estava indo pegar a autorização de funcionamento recebesse uma entidade na frente dele. Tenho

para mim que ele queria ajuda espiritual e, nesses testes, ele conseguia falar com entidades, receber passe, e ele ficava de boa (risadas). Ele fez isso com muita gente. Após o falecimento de Rodrigues por conta de um acidente, a federação continuou com Pereira. Nossa luta, nessa época, era travada contra a polícia e contra as federações, só que as pessoas tinham muito medo pois, imaginem aí, nos anos 70, um cara chegar no sertão, colocar um pai de santo preso dentro da mala de um carro, levar para a delegacia e dizer que ele tá fazendo coisas erradas. Quando as pessoas lembram dessa época, sempre me dizem o quanto somos felizes hoje. Naquela época, quando não existia concurso para polícia e existiam esses “macacos do governo”, as federações e as instituições trabalhavam juntas para prender os povos de terreiros, impossibilitando qualquer denúncia que pudesse ter sido feita. Começamos então a entrar nos movimentos sociais, eu entrei na Rádio Tabajara onde ainda tenho um programa nos sábados pela manhã, e a coisa começa a mudar por causa da comunicação e da imprensa. Nessa época, os terreiros eram construídos atrás das casas, pois as pessoas tinham medo de que os terreiros fossem agredidos, e pelo tanto de preconceito que passamos as pessoas ainda têm esse medo. Para desconstruir isso temos o ERO, Encontro das Religiões dos Orixás, um espaço para confraternizar com os povos de terreiros e discutir estratégias políticas para nossa sobrevivência. Hoje, na secretaria municipal que faço parte, não deixei de sofrer preconceito mas ocupo esses espaços porque precisamos estar nesses espaços. Recentemente, uma moça de lá do RH, após uma visita de vistoria no prédio, soltou uma piada dizendo que por eu ser mãe de santo, deveria fazer um trabalho para consertar tudo, sendo que eu já sabia que ela estava perseguindo filhos de santo que trabalham ali e eu pretendo, junto com a Defensoria, fazer formações naquela prefeitura porque lá o preconceito é muito forte, como o caso dessa mulher que, quando soube que eu ia levar esse caso pra justiça porque configura como racismo religioso, veio conversar pessoalmente comigo dizendo que gostava muito de mim e não via necessidade de levar isso para a justiça.



Mãe Renilda de Oxóssi (Giovanna Ignowsky Borba/DHT)

Antônio Pedro: Mãe Renilda, a senhora já falou um pouco sobre a Jurema na Paraíba e me veio uma dúvida com relação a sua iniciação e sua formação religiosa para se tornar a referência que é hoje.

Mãe Renilda: Na Paraíba, quem não passou pela umbanda não está no candomblé. Quem é da minha época, todo mundo passou pela Umbanda, já que antes na Paraíba se cultuava umbanda com Nagô, pois era como acontecia em Pernambuco e as pessoas que iniciavam aqui vinham de lá. Meu Pai de Santo, no entanto, veio da Bahia e tinha uma tia que morava na Rua da Areia, e ele passou a atender o povo na Pensão de Dona Augusta, que ainda existe. Foi quando meu pai tinha acabado de sofrer um acidente no caminho para a cidade de Areia, e uma tia minha chamou minha mãe para visitar esse Pai de Santo, mas ele só quis falar com meu pai que, na época, não acreditava em nenhum tipo de religiosidade e saiu de casa dizendo “eu vou lá porque eu quero saber o que esse frango safado vai dizer, que eu vou com meu cinturão afiado *pra dá-lhe uma pisa*”. Chegando lá, antes mesmo de meu pai entrar dentro da casa, a entidade, por meio do Pai de Santo, perguntou “Cadê seu cinturão? Tá bem afiado?”. Aí meu pai se assustou e começou a ouvir a entidade, que alertou que no dia seguinte meu pai ia encontrar 3 pessoas mas só iria aceitar o que era dado pela ultima pessoa. Na época, estávamos passando fome, meu pai tinha perdido tudo, não tínhamos casa própria... Depois dessa conversa meu pai ganhou 3 casas e depois da terceira as coisas se ajeitaram, começou o desenvolvimento meu e da minha irmã, das minhas tias, das cunhadas, da família toda. Foi quando fiz minha Jurema, com 13 anos e 6 meses, pois nessa época só fazia o Orixá depois que fazia a Jurema. As coisas começaram a mudar muito rápido depois que eu fiz o Orixá e, naquele tempo, a fé era no mestre da Jurema, não no Orixá. Depois disso, trouxemos as nações de Candomblé para cá para Paraíba. Eu trouxe o Jeje, Afonso trouxe o Angola e Erivaldo o Ketu. A partir disso, os terreiros na Paraíba começam a se organizar politicamente e socialmente, a incentivar o estudo para as pessoas de terreiro e incentivar a saúde. Trouxemos o EJA para o nosso terreiro. eu acredito que, com a educação, nosso povo foi melhorando e hoje temos filhos de santo formados, como Kleiton, jornalista de profissão, com TCC defendido nesta última sexta! Tirou dez em tudo! (Risos)

Vic: Qual é o nome dele mesmo?

Mãe Renilda: É Kleiton de Ferrer. Baba Kleiton de Sobú. Ele é jornalista de rádio e TV. Ele é muito conhecido. Ele fez rádio e TV, passou em terceiro lugar no concurso na Rádio Tabajara. Apresenta o programa, na manhã ele apresenta a máquina do tempo e o samba da Rádio Tabajara é com ele. E de segunda a sexta, de nove às onze, é ele também. Fez o TCC, tirou nota dez em tudo! Agora, a banca [da defesa de TCC] não foi fraca não. Glória Rabay, minha filha. Glória Rabay! É o crânio, né? Porque Glória Rabay é o crânio da Paraíba. Quem passar por Glória, minha filha, passou por tudo na vida. Ali é demais. Ela foi da banca. Ela, Edilene, também professora Edilene, Fabi. Então, agora nós podemos dizer que temos um jornalista, do Candomblé, na Paraíba. (Risos) Porque não é qualquer jornalista, é do Candomblé! E mais, o documentário que ele fez foi todo sobre a Jurema. Foi maravilhoso. Está lindo o documentário, vou mandar para tu, para tu passar pro pessoal.

Vic: Eu vou querer. Uma coisa que eu ia perguntar sobre essa questão da educação, é que ela é muito forte, sobretudo pra gente que trabalha não necessariamente com educação, mas editoração e seleção de revistas, tem um pouco disso, de difusão de conhecimento.

Gabriela: É, divulgação de materiais sobre direitos humanos.

Vic: Exato, esse processo de inserção de povos de terreiro dentro do sistema educacional, o modelo da educação, desde antes até agora, serve?

Mãe Renilda: Não.

Vic: Porque às vezes é um modelo muito cristão, às vezes há muita catequização, tanto é que a Elza Soares sempre defendeu que Exú estivesse nessas escolas, né?

Mãe Renilda: Sim.

Vic: Sempre houve essa discussão, essa ampliação, não no sentido de doutrinação cristã, mas de respeito à diversidade religiosa. Como é essa discussão?

Mãe Renilda: Essa educação não serve, né? Porque a gente acredita numa educação diversa, da diversidade, né? Que lá não tenha religião. Lá tenha a orientação das religiões, a história da religião! A gente precisa cravar a Lei 10.639. Porque lá está a história, né? De quem é você, independente se você é preto, branco,



a gente vai tirar os indígenas daí. Se você é preto, branco, você está naquela história da África. Nada como você dizer que a África não existe e que as matrizes africanas não existem é negar que a África é o berço da humanidade. Que a gente sabe que a África é o berço da humanidade, certo? Disso nós temos certeza. Então, essa educação não serve para nós. Quando vem o curso de ciência das religiões, eu acredito que isso é pra desmistificar. Eu preciso dizer que nós temos um curso agora para esse povo. Esse povo agora também vai poder estar em um curso na universidade. Não sei se das religiões. Mas que curso é esse? Que você que é de religião... Aliás, porque quem é de Jesus não é cristão, porque ele não era cristão. Ele era judeu na época. Aí não sei. É preciso a gente trazer isso. O que é ser cristão? Porque Jesus não era cristão. Ele era um líder judeu. Ele era tão quanto um orixá, tão quanto um ancestral como eu ou você, que vamos subir e voltar. Cabe a nós deixarmos a nossa história aqui e alguém começar a contar. Então, você está lá na sessão das religiões, que é o curso que tem para o povo de terreiro, e todo mundo fica muito contente que vai pra lá, mas quando vai fazer um TCC, aí você que é evangélico diz “eu não vou lá para o terreiro”. Vem para o trabalho de campo, mas o evangélico não vem para o terreiro para esse trabalho de campo. Mas o povo de terreiro vai lá para a igreja deles. Quer dizer que nós vamos, mas eles não vêm. Então, eu acredito que esse curso só serviria se tivesse uma forma: Você não foi para esse trabalho de campo em um terreiro? Então você não vai terminar agora, enquanto você não for. Aí seria justo, porque eles continuam com o mesmo pensamento, com o mesmo modo de fazer, porque eles estão em um curso apenas para se graduarem. Para se graduarem, irem para os espaços públicos que nós pagamos, que as escolas particulares não querem a religião na escola. Vão preocupar as escolas públicas. E o que é que ocorre lá? Eles vão dar aula da religião deles. Quando chega novembro, eles não querem fazer um evento de promoção de igualdade racial. Nós tivemos uma filha de santo aqui, que o diretor do colégio do Valentina [onde ela estudou] era evangélico. Ela raspou o cabelo. Aí nós dissemos assim, não vamos nem colocar o turbante. Porque já sabe como é, né? O turbante é mais perigoso. É o ferrão para eles. Ela comprou uma boinazinha bem bonitinha, bem feminina, e colocou na cabeça. A diretora não deixou ela entrar no colégio. Agora me respondam, por quê? Não era por causa do terreiro, não. Porque boné... Quem é que usa boné? Não caiu a ficha? [Para eles é] Quem usa boné é maconheiro. Como é a história, menina? Ela disse que não pode entrar não porque a gente pode ser confundida com maconheiro



e com bandido que vem tendo na escola, porque usa boné. Está ruim. Porque todos nós colocamos um boné pra assistir um jogo, né? Todo mundo gosta de um bonezinho. E agora é tudo maconheiro e tudo bandido, por causa do boné. Aí eu, Balula, Tânia... Juntou a negrada. Chegou um comboio no colégio. (Risos) Olha essa diretora! Ela fazendo assim: “Mas eu não sou preconceituosa. Não sou preconceituosa, não. Realmente não. Não”. Pois a senhora, agora está sendo convidada para fazer uma formação. E nesse dia todo mundo de boné, viu? Essa formação vai ser de boné. Ela disse “E, é?”. É sim, nós já solicitamos à secretaria. Ainda está vindo a secretaria, querendo que a formação da sua escola e todos estando de boné. Por que você dizer que boné, minha filha, representa maconheiro? Aí eu disse, olha, eu não uso maconha, eu nunca usei. Aliás, eu conheço maconha, mas pela televisão, porque eu não conheço ninguém que tem maconha. Mas eu não tenho nada contra maconha. Eu não tenho nada contra quem fuma maconha. Agora, o que a senhora tem contra o povo que usa maconha, que usa um boné? A senhora já viu maconheiro usando boné? “Não”. E como é que a senhora colocou isso na sua cabeça? Isso não existe. Tudo isso acontece. Então, essa educação, esse ensino, ele não serve para nós. Tem que haver uma mudança nessa escola brasileira. Essa mudança, eu só acredito nela através da juventude. Nós temos um candidato aí que o pai foi onze vezes deputado. Aí a pessoa já foi três vezes, agora quer ser mais vezes.

Mãe Renilda: Onze vezes deputado o cara, ainda foi visto... É só olhar na internet. Foi onze vezes deputado e ainda foi uma vez vice-governador. E uma vez, foi deputado federal. Quem seria?

Antônio Pedro: Mãe...

Mãe Renilda: A família de Lacerda. [risos]

Antônio Pedro: A senhora falou sobre a negrada. Eu tenho uma pergunta sobre a sua participação no movimento negro e a importância que a senhora vê no movimento negro para a constituição de uma juventude informada, conscientizada e na luta, no geral.

Mãe Renilda: O movimento negro, eu acredito, quem vai para dentro do movimento negro original, não precisa de universidade, porque o movimento negro é uma



universidade. O movimento que eu sempre movimentei minha vida toda, foi pra mim uma faculdade. Eu digo a todo mundo, eu sou formada na maior universidade do Brasil, que é o Movimento Negro e o Movimento Popular. Quem passa pelo Movimento Negro e pelo Movimento Popular aprende tudo que qualquer pessoa precisa aprender, aquilo que você não aprende numa universidade. Você aprende a ser gente, você aprende a respeitar a outra ou o outro. Você aprende realmente a ser igual. Porque quando eu entrei no Movimento Negro, João Balula, depois ele veio ser meu filho de santo. Mas ele era aquele movimento negro feroz. Aí a gente chegava assim, ele fazia “Vamos fazer um lanche, vamos fazer uma merenda!”. Tudo pobre e lascado, os negros. Aí ele botava uma lata, ele cortava umas latinhas assim, aí era um cigarro, um cigarro, rodando a piola, na mesa. E água dentro da latinha, que era pra cair, assim, pra não ficar fedendo na mesa. Eu não esqueço disso nunca. Aí ele falou assim, isso ele acolhia o que era de preto que tinha ali naquela parte da [Rua] General Osório, porque o movimento funcionava ali no Silaio Ribeiro, e eu sinto muita falta daquilo ali, porque não era para o governo ter tirado aquilo ali do movimento negro, porque ali era onde acolhia a negrada, certo? A negrada estava sem ter onde dormir, ia para lá, para o Movimento Negro. Não tinha o que comer, ia para lá e a gente levava uma coisa, cada um levava uma coisa. Foi daí que surgiu o meu trabalho com o povo de rua, porque a gente ia para lá, fazia aquele caldo, aquele tacho de feijão, jogava arroz, tudo misturado, mas a negrada comia. E aí, na primeira vez que eu fui, João Balula disse assim: vamos fazer um lanche. Aí eu botei uma moeda. E ele: “Esse lanche não vai sair hoje não”. Aí eu abri a bolsa: “Mande comprar o lanche”. [Ele respondeu] “Mãe, com todo o respeito, pode tirar seu dinheiro”. “Mas, Balula...”. “Aqui é o coletivo”. E eu disse, que diacho é coletivo? Que eu pensava que coletivo é o ônibus (risos). Santa ignorância. Na escola me alfabetizando, lá no movimento dele, me alfabetizando. Aí eu disse, “Vai entrar um ônibus aqui? Coletivo?”. “Esse é um coletivo, deixe eu botar as moedas, que eu não quero essas moedas”. Deu pra comprar um pacote de bolacha *cream cracker* que é um só, assim, de uns quadradinhos que tem, para aquela ruma de gente, tudinho, cada um comia um pedacinho, mas comia. Ele queria mostrar que era igualdade. Que mesmo sendo aquelas moedinhas, mas vinha um pacote de bolacha e todo mundo comia. Aonde você tinha muito dinheiro, e aquelas rumas de gente ficavam sem comer, porque você não tinha coragem de tirar o seu dinheiro para comprar um pacote de comida para aquelas pessoas. E isso é um grande aprendizado, essa construção daquele



movimento. O movimento negro, ele faz com que hoje, nós tenhamos muitos pretos na universidade da Paraíba. A gente teve aquele movimento negro, que é Vandinho, que é Tutu, sabe? Que é João Balula, que sou eu, que é Solange Cavalcante, depois chega o Antônio Novaes, chega Solange Rocha, esses daí vão chegando depois. [Como] Socorro Pimentel... No começo é a gente, é esse grupão aí. Aí depois veio Vaninha, uma ruma de gente para dentro. Eu vejo hoje, os meus pretos na universidade, é com essa construção do movimento negro. Porque a gente ia para a assembleia, a gente ia brigar, a gente ia para o meio da rua, a gente não ia bater em ninguém, a gente ia buscar nossos direitos. Era chamado preto safado, preto ladrão, era tanta coisa que era dito. Que meu pai me dizia assim, “Mas minha filha, você agora se envolveu com esse negócio, de bandido, de ladrão...” Meu pai era preto, sabe, dos “pés de zamba”, só vendo. Mas se achava branco. Quando eu fui dizer que eu era preta, que tinha descoberto que era preta, hum... A culpa não é da mulher? “Maravéa, vem cá, minha velha. A sua filha já é xangozeira, vive com a ruma de sapatão, uma ruma de viado [Risos]. E ainda descobriu e ainda trouxe uma desgraça para nossa família. Você sabe o que foi que ela inventou agora? Que é preta”. Foi uma desgraça que eu levei para uma pessoa que é preta [Risos]. Aí mãe disse, “E agora você é preta?” e eu disse “Sou, e a senhora é o quê? Pai é o quê? Não quero desgraçar a família, não”. Foi desse jeito, então. Mas aí a gente vê, olha, como o movimento negro a gente vem discutir, lá na Constituição, porque a gente está na construção da Constituição. A gente está na construção do SUS! Eu fui para Brasília, eu tava lá na construção do SUS, eu e a doutora Joana. Então a gente está nessa construção. E quando fomos para essa construção, fomos para dizer que o preto tem que estar ali. E aí a gente foi conseguindo colocar nossos pretos em cada espaço. Hoje a universidade, ela é bem mesclada, né? Só no curso de direito, que a gente ainda está muito fora, que ainda precisa dessa política, justamente é o estudo que não dá certo para nós ainda, porque nós temos ainda o mínimo de pessoas na educação, lá no direito. Porque vocês sabem da dificuldade de quem é preto estar no direito. Eles não nos engolem, eles nos toleram, mas com vontade de botar para fora. “Vocês não podem ser doutores”. Hoje a gente tem essa ruma de preto, fazendo doutorado, né? Isso a gente deve à quem? Ao movimento negro. Quando é um belo dia, eu fui para a Secretaria da Educação. Havia saído os livros da Lei 10.619. Cheguei lá, encontrei um birô com o pé quebrado. Quem era que estava segurando o birô? Os livros da Lei 10.619. Livros caríssimos, que deviam estar em sala de aula,



mas estavam segurando o birô. Nessa época não existia muito desse negócio de celular. Aí eu tinha uma maquininha desse tamanhinho assim da rádio e tirei a foto. Aí vamos fazer a zoadinha no Movimento Negro. Vamos para o meio da rua, com os cartazes: “Olha o que que o governo faz, olha onde que está o livro, da Lei 10.639!”. Então, essa educação, ela não serve para nós, porque ela precisa ser aprimorada. Eu sou preta e eu quero educação para preto. Eu quero escurecer essa educação no Brasil, onde todos compreendam que eu sou preta, mas eu posso ser doutora. E você é branco. Porque você sabe que para a gente trazer hoje a igualdade, foi preciso 60 anos sem o branco ir pra escola. Os estudos já comprovam isso, né? É preciso de 60 anos. Porque a luta, além de ser de cor, de etnia, é também de classe social. De nós chegarmos em um restaurante, se entrar com o turbante você é olhado “de banda”. Gente, mais incrível é quando você entra com uma pessoa que a pigmentação da pele é mais do que a nossa. As pessoas ficam assim, ó. As pessoas assim, “Não, [estou olhando] porque eu estou achando bonito”. Não, você está incomodada, você não está achando bonito não. Eu vou estar olhando para a pessoa preta porque eu estou achando bonito? Não, eu estou incomodada porque essa pessoa não podia estar aqui. Eu levo logo por esse lado. A maioria acha que é porque eu estou passando do limite, mas não é não. É porque é real. É real. Você pode observar. Você entra no supermercado, fica lá de prontidão para você ver. Porque a gente tem o racismo. Já fizemos muito isso, de ficar no supermercado, ficar na loja. Fique ali naquela área que tem os desodorantes, os perfumes. Aí entra um negro, um menino negro, um rapaz de negro, né? O rapaz vai, acelera, é assim, o rapaz vai, fica em pé, aí o... Aí o menino de pé vai pra lá, e o segurança... [inaudível] Isso é em todo supermercado aqui. Isso acontece diariamente. Você vai [incompreensível]. Na loja, quantas negras tem aqui na loja trabalhando? “Não, tem! Olha, aqui nós temos preto, temos branco, se vier indígena entra, tudo bem”. Mas cadê a negra? Cadê o negro? Onde é que eles estão? Onde é que ele está? Porque aqui eu não tô vendo ninguém lá no Almojarifado, né? Agora que foi criado mais um padrão, negro padrão, preto padrão. Que aí, bem maquiado para poder conseguir uma vaga, você tem que modificar todo seu estereótipo. Tem que botar alguma coisa aqui pra afinar o nariz um pouquinho, bota um creme aqui para afinar. Bota uma maquiagem aqui para puxar, para usar e parecer com uma branquinha aqui. Bota um batom para ajustar os beiços, para não ficar aquele batom que diminui o beiço. Aí agora eles estão criando que os brancos querem beiços grandes. Já estão injetando a carne dos pretos na

boca para ficar com a boca grande e com a bunda grande, porque todo preto tem a bunda grande, mas eles agora querem a bunda grande também. Então, tudo isso perpassa justamente pelo racismo estrutural, porque essa é a estrutura do nosso país. Desse racismo, que vem lá da senzala. A gente precisa desconstruir o 13 de maio. Como é que você vai dizer que nós fomos libertos naquele dia? Nós fomos jogados no meio da rua, sem eira nem beira, fomos jogados ali. Quando a gente fala em Ebó para o Orixá, é porque as negras na senzala traziam uma vasilha com farofa, uma garrafinha de cachaça, deixavam ali, entendeu? Cozinham um milho, botava ali, que era para quando o negro passar, está ali, ó, ela botou os pés da galinha lá, ela botou a cabeça da galinha lá, que era para o negro comer. Esses são os Ebós que a gente fala, que a gente oferece ao orixá em homenagem a nossos ancestrais, que as pessoas recriminam. “Mas é porque o povo de terreiro gosta de cachaça, é porque o povo de terreiro...” Mas claro, o frio era muito grande, o negro passava ali, aquela garrafa de cachaça estava lá para alimentar, naquele frio dele, que ele não tinha onde dormir. Entendeu? Essa é a nossa história. A bebida dentro do terreiro vem dessa história. “Na favela só tem preto”. Por quê? Porque quem foi que botou, que jogou a gente para o fundo da favela? Os brancos. Porque jogaram a gente no meio da rua e ninguém nos deu um teto para morar, começou a construir a primeira favela. E assim foi. E hoje, com a construção do país, a cada dia se cria mais favelas. E agora querem botar o nome de comunidade. Para passar borracha, entendeu? Passar borracha. E a gente tem que ter muito cuidado com isso. Porque isso não é bom. Você desconstrói o nome favela para tirar a visibilidade desse povo preto aqui. Não é outra coisa. Vamos chamar de comunidade porque está todo mundo morando na comunidade. Que maravilha! Todo mundo na comunidade. Olha, já tem uma rua calçada. Nós estamos lá fazendo ação. Que ação? Eu sou dessas ações agora, agora. A gente observa quais são essas ações. A ação, ela começa a acontecer faltando meio ano para a eleição. Aí começa bem devagarinho. Olha, vamos juntar o povo. Vamos juntar. Você que já entende disso, faz bora! Bora! Que é pra mandar o povo pedir, né? Pra poder mandar o povo pedir. Porque esse ano, desde janeiro que é ação, tanto do Governo do Estado tanto da Prefeitura. Agora, desça lá no Gadanfo, desça lá [na comunidade do] S, desça lá no Terra do Nunca, para gente entrar em casa que não tem um pacote de fubá. Para você receber, fazer um bagulho direito. Então isso é muito sério. Desconstrução, desconstruir favela? Eu não quero não. Deixa o povo na favela mesmo. Pelo menos organizada, né? Como dizia Clara.



Mãe Renilda de Oxóssi acompanhada de Estrela, sua cachorra de estimação, enquanto concede entrevista à Revista DHT (Giovanna Ignowsky Borba/DHT)

Gabriela: Eu tenho uma pergunta para fazer. Quando a senhora respondeu à pergunta anterior, sobre a juventude. Eu fiquei pensando sobre isso da educação, nas pessoas que passam por essa educação.

Gabriela: E aí a senhora falou também que os episódios de racismo, quando vocês passam no dia a dia, como isso costuma vir de pessoas que são mais velhas, não dos jovens. Eu fiquei pensando nisso e sobre essa questão da educação, como a senhora disse, que ela não serve. Queria que a senhora falasse um pouco sobre como tem sido, dentro da sua casa, a relação com os jovens, como tem sido os jovens no terreiro, já que falta essa educação formal, como é que tem sido a educação que eles recebem na sua casa?

Mãe Renilda: Nós temos um grupo muito grande de jovens, aqui no terreiro, temos os mais velhos e as mais velhas e temos os mais novos e as mais novas. O pai de santo é formado também em Letras e é professor. E a professora já vem de uma escola, de duas escolas em Santa Rita. E lá, no alto das populares, onde está todo nó, onde o menino está em sala de aula e diz, “Professor, fica aí professor, eu vou ali e volto já, porque eu vou comercializar, vou fazer meu trabalho, vou fazer meu



comércio e volto já”. E o professor não pode dizer nada. “Ah, mas é porque...” Não, o professor compreende ele, mostra para a família o que poderia ser feito. Então aqui no terreiro, a gente traz essa discussão sem ter medo de conversar. Para ser filho dessa casa aqui, precisa querer conversar sobre tudo o que acontece na sociedade, a prostituição, a droga, entendeu? Sobre o que não serve para a gente, e o que é que serve pra gente. A gente tem um grupão aqui muito bom. Aliás, nós já tínhamos. Muitos advogados começaram aqui. Nós tínhamos um advogado [na casa] ele era lá de Lagoinha. E ali, em Lagoinha, só escapa quem sai voando. Quem não voa não escapa. Ali é rolo.. E a gente tem aqui hoje um advogado que morava lá, na Lagoinha, era do pé danado, mas não era dessa linha de droga. “Mas, cara, porque aquele menino, aquele menino danado que vocês falam é do Ogum, é porque ele é do Ogum... Ele chega já aqui”. Aí, eu dizia, “Você vai estudar, viu cabra? Porque você vai estudar”, ele fazia “Hum... Quem é que vai me forçar?”. “Eu não vou lhe forçar, não, mas você vai estudar”. Aí terminou a gente começando a fazer uma amizade. Eu pensando, que eu sou artista também, a gente pensando em umas peças lá para o Centro de Cidadania. Aí colocamos ele para fazer aquelas peças de Jesus, na época, porque o povo todo católico, a gente tinha que fazer as peças de Jesus. Até isso, para poder conquistar o homem, tinha que fazer a peça de Jesus. Aí a peça de Jesus, para ele ser um de Maria, outro de Jesus, outro de Satanás, sabe? E esse, esse dizia, eu só quero ser o padre. Era o passamento dos pecados. Olhe, quando a gente conversa sobre isso aqui, a gente bota para de rir, né? Porque ainda é jovem hoje, né? Aí, terminou que eu disse a ele, “Felipe, você *vai dar pra gente*. Você vai ser ainda um advogado”. Ele respondia, “Vou nada. Minha mãe, pobre do jeito que é, não tem nada na vida”. Eu disse, “Pois você vai ser”. Terminou, ele veio para o terreiro, que era em Cruz das Almas na época. Aí ele chegou no terreiro, sentou-se por ali, aí ele disse, mas e agora pra eu ser do terreiro? Aí eu disse, agora vai ter que estudar. Porque para ser do terreiro tem que estudar, porque não pode ser analfabeto. Quer dizer que a pessoa analfabeta não pode ser do terreiro? Não, não pode não, tem que estudar. Aí ele começou por ali, começou a estudar, ir para o terreiro, terminou que Felipe hoje é advogado. Vai fazer agora a [prova da] OAB.

Então, essa é a educação que serve pra gente. É de vir a educação para dentro do terreiro. Nós temos esse grupo de trabalho da nossa geometria no terreiro. Mas a gente não tem apoio de gestão. Porque podia, né? “Olha, nós vamos fazer o seguinte.



Já que vocês têm esse trabalho, vamos nos juntar. Levamos o trabalho pra dentro do terreiro”. Mas não, minha filha. Parece que é invisível. E olha que é comigo, hein? Imagina com os outros. E é porque eles me respeitam muito. O que a gente precisava para a educação do preto e do terreiro, porque nem todo preto é de terreiro. Mas se houver uma grande ação de educação dentro do terreiro, o preto vem. Então a gente pensava o quê? Que a prefeitura, que é município, por exemplo, disponibilizasse, né? Não. “Tem essa sala de aula aqui, eu vou fazer sala de aula no terreiro. Talvez por mês, eu vou pegar um grupo de professores, vai isso. O que é que vocês precisam?”. Mas eles não querem nem escutar a gente. Nós vamos fazer esse ERO agora no dia 8 de julho para provocar. É uma provocação. Por que provocação? Porque é o ano eleitoral. E todo mundo quer o voto dos terreiros. Então a gente quer conseguir trazer uma maioria de pais de santos para a discussão, para na hora a gente já estar com um documento. É tanto que eu vou até chamar Aline pra gente sentar antes, pra gente fazer um documento bem organizado, para nesse dia a gente já entregar esse documento, dizendo o que é que nós queremos para o nosso povo, né? O que é que nós queremos? Nós queremos que o nosso povo tenha a sua cota para estar dentro do município, em sala de aula, dando aula. Nós queremos isso. Mas fica a pigorna aqui, um trabalho particular ali, outro acolá. Mas a prefeitura ou o Estado contratam aí as pessoas, né? Fulano que tem a liderança de tal que votou. Mas a gente precisa ter uma cota dentro disso aí. Se você pode contratar os emergenciais e não serem povo de terreiro, nem ser povo preto, você tem que ter uma cota para o povo preto e para o povo de terreiro, porque o povo de terreiro, eles se formam em pedagogia e ficam desempregados. Nós temos assistentes sociais desempregadas. Por quê? Porque quem são contratados, são aquelas pessoas que têm tantos votos. Isso não existe, não pode existir. Até porque o dinheiro é nosso. Quando qualquer um bota a carinha feia, eu digo, “Não bote cara feia não, viu? Porque quem paga seu salário é o prefeito? Não! Quem paga é o usuário, viu? É a mulher aí do drogado que chegou agora para fazer bolsa família, que paga seu salário”. “E é?”, eu disse, “Sim! Ah, vocês não sabiam não? Ah, pois é, se ela não vier aqui, isso aqui fecha”. Então a gente tem que começar a fazer essa provocação.

Aí começou o ano eleitoral, nós vamos fazer o ERO em julho para já situar eles. Nós vamos discutir aqui no ERO o seguinte: que a gente vai querer votar em alguém, que a gente não vai querer ficar sem votar não. Agora nós vamos querer votar sim em

alguém que diga que vai chegar lá na Câmara e vai fazer uma lei para que a gente tenha uma cota lá na prefeitura. Isso é preciso, entendeu? Porque é a mesma coisa, você termina o direito, eles contratam eles advogados na prefeitura. Agora, conte quantos advogados e advogadas pretas eles contratam na prefeitura? Nenhum. E de terreiro? Só quem está de terreiro na prefeitura sou eu. Não levei nenhum currículo, fui convidada. E fui, e lhe digo, fui porque é preciso estar, porque senão, aí piora a situação, é que não acontece mesmo.

Mauren: Eu acho que eu sou a única da revista aqui que é de João Pessoa. Então, quando a senhora fala sobre os bairros, sobre as ruas, sobre os locais, sobre Cruz das Armas, eu me sinto muito abraçada pela territorialidade, que é importante também. Porque quando a senhora fala, por exemplo, sobre o terreiro em Cruz das Armas, eu sou do Bairro dos Novais, então é ali pertinho de casa...

Mãe Renilda: Mas você não é da rua Santo Antônio não?

Mauren: Não [Risos].

Mãe Renilda: Ali tem o terreiro de Hilda na Rua Santo Antônio.

Mauren: Eu sou quase no final do Bairro dos Novais, é... Rua da Cruz.

Mãe Renilda: Oxente, Rua da Cruz?

Mauren: É! Tinha um terreiro lá de pai Ronaldo, ele faleceu recentemente.

Mãe Renilda: Sim, eu conheci o Ronaldo.

Mãe Renilda: Ele era da Cruz, os associados dele eram meus associados.

Mauren: É, ele era incrível. Assim, confesso que eu não participava porque minha avó evangélica dizia pra passar do outro lado da rua.

Mãe Renilda: Na rua da Cruz também tinha quadrilha, tinha lapinha, né?

Mauren: Tinha, tinha. Vê? É essa coisa da territorialidade...

Mãe Renilda: O trio campinense tocava lá, o finado, Pisada. Você não deve ter ouvido falar de Pisada lá porque você é novinha. Porque Pisada era um artista muito conhecido, cantava muito. Então ele era chamado de Pisada, porque ele cantava

muito, dançava o forró, essa coisa de coco de roda, sempre fazia essas festas na Rua da Cruz, aquela rua estreitinha, pequena, que nunca, não sei se está agora, mas nunca foi asfaltada, nunca foi calçada.

Mauren: Agora está calçada.

Mãe Renilda: Está calçada? [Na época] Não tinha esgoto. Aí ele ia para a rádio, era uma agonia danada. Aí ele fazia as quadrilhas lá, a lapinha, ele cantava, às vezes eu ia cantar com ele também lá. Ficava aquela ruazinha assim, a gente cantava lá, e Pisada, fazia: “Mas mãe, será que um dia eu vou morrer e não vou ver essa rua calçada?” E eu dizia: “Rapaz, o negócio é meio difícil. Mas nada é difícil para os orixás”. Ele dizia “É, ou eles vão calçar essa rua ou vou começar a quebrar esses copos pra fazer o calçamento aqui de vidro”. Era desse jeito, sabe? Então, o Pisada era uma figura muito conhecida lá.

Mauren: É, eu lembro do meu avô falando isso. Porque enquanto minha avó não deixava eu participar de nada na rua, meu avô era assim, de tudo ele participava. Mas quando a senhora fala, e é logo agora que a senhora diz que conhece tanto a Rua da Cruz, eu me sinto muito abraçada.

Mãe Renilda: Ali na Santo Antônio, no terreiro de Hild de Oxum, lá na Rua do Bar São Jorge, era o de Mãe Penha de Iansã.

Mauren: Esse do Bar de São Jorge, eu escuto mais meus tios falarem.

Mãe Renilda: É, que ele saiu de lá e está aqui em Mangabeira, que é o de Penha. Eu passava as noites no Bairro dos Novais nesses terreiros, cantando seresta mais o povo [Risos]. O povo dizia que os terreiros eram de cachaça, mas é porque assim... a gente terminava as festas, aí ficava cantando seresta, rindo, conversando, porque era a única oportunidade que tinha de todo mundo se encontrar. Era quando tinha festa de terreiro.

Vic: E é bom demais.

Mauren: Eu fico muito feliz, de verdade, porque me sinto... é isso, a senhora faz parte da história do poder do movimento negro e também da construção de João Pessoa, de...

Mãe Renilda: ...dos forrós, minha filha, das quadrilhas, das lapinhas. Olha, eu vou dizer uma coisa para você, eu só não fui ainda ladra e nem roubei e nem matei, mas minha filha, uai, já fui juiz de quadrilha. Está igual àquela história do cabra que diz “Ah, mas eu sou juiz de futebol, pode ir preso”. Eu já fui juiz de quadrilha, já dancei lapinha. Já dancei em todas as escolas de samba daqui, agora por um desfile na Mangueira. Mas desfilei em todas daqui. Eu fui presidente da primeira escola de samba daqui, da Mel Rosa, da mais famosa, que foi a mais vencedora aqui. E eu estou, assim, em todas as construções do São João. Foi feito até um documentário. Esses bairros aqui são bairros novos, né? Mas a história de lá, é que até eu fico muito triste, porque ali perto da rodoviária, como é o nome lá?

Antônio Pedro: Porto do Capim?

Mãe Renilda: Porto do Capim! Ali eu ia buscar manga. Minha tia morava no Roger, ali no Baixo Roger. A maré baixava e a gente atravessava em cima de uma pedra para ir buscar manga do outro lado, que era no Porto do Capim. Porque lá a manga era barata e sabia que o povo não tinha dinheiro. E a mistura, chamava mistura, que é a carne, era a manga. Aí ia buscar a manga, comprar manga na barata, que era os caçoar, chegava os caçoar de manga, né? Aí jogava dentro dos balaios e a gente comprava. Não existia nem sacola. Eram as cestas, aquelas cestas de coisa, que aí trazia aquelas cestas, minha tia, aquelas cestas de manga, assim, agora tem muita mistura, porque a mistura era manga, né? Então, aquela história ali do Porto do Capim é a minha idade. Então, como é que a gente pode desconstruir um espaço que foi construído com todos esses anos. Eu vou tirar todo o povo que hoje já tem ali sua bodega para comercializar seu pão, que já tem aqueles ali que já sabe sabe a quantidade de pão que vai comprar pra vender, para eu trazer pra cá? Você vai fazer o quê? Roubar. É porque eles querem isso. “Esses pretos têm que ir para um lugar que eles devem ter, que é roubar, que é assaltar para morrer”. Porque é o extermínio do preto, a gente tem que entender isso, é extermínio.

Vic: Para ser preso, né?

Mãe Renilda: É, porque ou você morre ou vai preso. E lá na cadeia... Ah, é, se for homem, a mulher não tem condição de ir porque não tem nem [o dinheiro da] passagem. Ainda hoje Laura recebe mais de uns quarenta processos. Mas sabe de todos eles. É minha filha de santo, Laura Becó, que é *confuseira*, porque ela fez todo

aquele presídio feminino e descobriu realmente o que acontecia lá. Descobriu que as presas eram maltratadas, certo? Que menstruavam e não tinha um [absorvente] para colocar. Ainda era dito que elas pegassem a calcinha, botassem uma ali na outra, tudo isso. Então ela botou pra frente mesmo e lascou aí o governador, certo? Na época que era o “José”⁷. Então, a época tá nessa construção toda, é difícil, às vezes, deixar de chorar de tristeza. Às vezes as meninas vão fazer qualquer atividade, aí dizem “Mulher, não vou não, porque eu não me sinto bem”. Né? Quando tem essas discussões, a gente fica doente, porque na idade que eu estou, a gente vai ficando doente, de tanta coisa, de tanta luta, de tanta luta. E no final, a gente ainda vê, você quer tirar a gente daquele lugar que foi construído pelos nossos bisavós, que foi começado em Abelhinha da Maré, o povo comendo aqueles peixinhos ali. Então tudo isso passa. Quem é que tá naquela história ali da defesa de Porto do Capim? É Raíssa?

Antônio Pedro: É, Raíssa e Rossana.

Vic: São da Associação de Mulheres...

Mãe Renilda: Ah, são minhas amigas. Aí é uma luta muito grande, a gente está em defesa da vida lá. Agora não termina, porque não consegue discutir. Toda vez que tem uma discussão, eles [da prefeitura] querem sempre ter razão. São pessoas assim: “Nós dizemos que é isto e é isto”. Como é que você vai discutir dessa forma? Você já chega dizendo: é isso. Eu não me vejo vendo aquele povo sair dali pra ir pra um apartamento de uma salinha desse tamanho e um quarto. Por favor, né? Me poupe.

Mauren: E estão querendo fazer isso com outros lugares aqui em João Pessoa também. Mas aí, é conversa para outro momento [Risos]. É, ali perto do Bairro Novais mesmo, na feira de Oitizeiro, mas enfim.

Mãe Renilda: E você vê, aquela nossa feira, ela começou, sabe aonde? Na descida. Sim, ali na descida, quando a gente vem do posto de gasolina que desce aquela primeira rua à direita? Aquela feira descia ali, e à esquerda, que era o terreiro do final do Joca...

⁷ Nome fictício.

Mauren: Querem realocar a feira naquele mangue, que alaga direto.

Mãe Renilda: Ah, ali alaga direto. E o trânsito ali?

Mauren: É! E como é que vai chegar na feira?

Mãe Renilda: Sim, e o perigo? Justamente a desconstrução. Porque essa desconstrução é onde? Os feirantes. Não vão poder mais comercializar, porque não têm espaço. Vai ficar um número limitado. Vamos dizer, vamos fazer uma grande feira, mas uma feira bonita, como a de tal estado, né? Que o [mercado] padronizado ninguém vai, que a gente gosta dessa feira do Grito. Que é a de quarta-feira. Eu vou para a do Grito, toda quarta-feira. É isso que eles querem fazer, tirando aquela feira dali. Vai deixar um monte de gente desempregada.

Mauren: É. E aí eu volto com o ponto que é porque eles querem exterminar mesmo.

Mãe Renilda: Mas eles exterminam a população epassa pela questão de classe. Além de preto, você não tem nada na vida? É pra morrer mesmo e acabou-se, minha filha.

Mauren: E a gente sempre identifica os terreiros como locais de organização política e é outro motivo pelos quais eles tentam também exterminar.

Antônio Pedro: Espaços de resistência também.

Mãe Renilda: De resistência.

Mauren: Pois é, porque olha a sua história, olha o tamanho e o tanto de coisa que a senhora fez. Tudo isso é sobre resistência. Então, quando eles tentam exterminar o terreiro, quando eles tentam exterminar figuras de luta, é sobre dar um recado, é dizer, não, a gente não quer vocês, a gente quer essa coisa aqui.

Mãe Renilda: Nós queremos uma coisa organizada. Vocês não acreditam que aquele supermercado central, que hoje voltou a uns anos passados, nós tivemos várias pessoas ali que se mataram. Só existia um supermercado aqui, uma rede de supermercados aqui, que era o Pão de Açúcar. Aí veio a rede “Mercadão”⁸, que era para ficar ali em Jaguaribe, aonde agora fechou. Então, quando essa rede aí veio, então comprou toda a prefeitura... Foi como o “Shopping Compratudo”⁹ construiu

⁸ Nome fictício.

⁹ Nome fictício.



aquela central aqui no Geisel para poder fazer um Shopping aqui, para desorganizar esse bairro aqui. Conseguiu né?! E quantas pessoas se mataram no mercado central? O mercado central foi exterminado, ele acabou, ali na [Avenida] Pedro II. Aquilo ali acabou, aquilo ali é outro mercado central. Aí depois quando vem “Beltrano” que começa a prometer que ia construir para poder se eleger, aí é quando realmente reconstrói. Porque já tinha muita rede de mercado, supermercado, mas muita gente se matou ali. Muita gente. É o que vai acontecer em Oitizeiro. Desconstruir aquela feira. Aquela feira é histórica!

Mauren: Eu cresci lá. Meu avô é feirante, minha mãe é feirante.

Mãe Renilda: Minha mãe tinha banca de roupa naquela feira, viu? É muita história. Então, é o extermínio da nossa população. Porque [cantando nego sem emprego, nego sem dinheiro, né? E aí? Emprego não tem. Aí tenho meu banquinho lá e estou vendendo. Aí o “caba” quer que o povo vá comprar no supermercado. Porque na feira livre um 1kg de tomate eu comprei quarta-feira de 13 reais, mas no supermercado é 12 reais. Aí você vai para o médico e o médico diz “Você precisa comer verdura, você precisa comer cenoura, você precisa comer beterraba”, mas como se o KG é 15 reais e você ganha um salário [mínimo]? A gente tem que pensar muito como é que a gente vai realmente construir, construir mesmo esse país, porque estão desconstruindo.

O problema é assim, [fala-se mais em] Lula, mas gente nós estamos falando aqui é como uma construção para mais 100 anos, a gente não está falando de uma construção porque tem uma pessoa que foi eleita não. A gente sabe o que era importante naquele momento de eleger Lula, mas ele não vai dar conta mais do que a gente precisa, até porque já se vendeu completamente aos grupos de extermínio. Porque quem está mandando no país, quem é? É o bloção, né? Então se o bloção tá mandando, a gente não tem direito. Porque para construir qualquer política é preciso dar um ministério e você observa que não tem ninguém... Eu fico achando ridículo: “Ah, mas a irmã de Marielle está”. Sim, qual o problema? Para calar a boca, porque tudo é para calar a boca da gente. “Olha fulano tá lá viu?!”.

Mauren: Já tem [o mínimo], ache bom [Risos].

Mãe Renilda: É! “Você está reclamando, mas fulano está lá”.

Vic: E o orçamento deste tamanhinho.

Mãe Renilda: Deste tamanhinho, não dá condição de fazer nada na vida.

Mauren: Mas está lá. Aí a gente vê os terreiros, principalmente todos estes que a senhora citou durante toda essa entrevista, como espaços de resistência. E sabendo de uma pessoa e a gente falando aqui a tarde inteira sobre como João Pessoa não é a mesma coisa. Politicamente, sempre é essa coisa de terreiro sofrendo racismo religioso, nenhuma gestão pública que se importe com os povos, como os terreiros de João Pessoa estão articulados? Porque é ano eleitoral, a senhora já citou isso várias vezes. Tem o ERO que vai acontecer. Vocês estão planejando fazer reivindicações e partir disso. Mas, como está? Porque você ser pessoa negra, de santo, pobre nesse Brasil é pedir para sofrer.

Mãe Renilda: É pedir para morrer, para ser exterminado.

Mauren: É. Como que a senhora, como mãe de santo, como liderança, acalenta seus filhos nessa realidade?

Mãe Renilda: O acalento... Hoje eu venho chamando os grupos, com a mesma chamada que eu fiz para o Rio Grande do Sul, aos pais de santo, às mães de santo, vamos nos juntar, juntos nós somos fortes, a gente precisa começar a pensar no preto na Câmara, na Assembleia, nós precisamos pensar no povo... Eu estou mandando o povo de terreiro em todas as cidades a se candidatarem. “Ah, por que a senhora não vai?”. Não, não quero me candidatar, mas eu quero que você se candidate para a gente ter um nome para votar. Aí liguei agora para Remígio, como está a candidatura daí? O senhor pai fulano vai votar em pai Tiago? Não Mãe Renilda. Mas por que? Não porque se ele se eleger... O “caba” não tem quase condições de se eleger. Mas se ele se eleger vai crescer mais que todos os outros terreiros. Vamos sentar para discutir isso, não é isso que a gente tá pensando. A gente não pode pensar dessa forma. Porque ou a gente tem alguém lá na Assembleia... Numa Câmara Municipal, onde só uma mulher foi eleita que não está mais nem lá, só temos um vereador que defende a nossa causa que se chama “Fulano de Tal”, mas claro você defende porque você tem os seus interesses, não vai dar uma de bobo né? Porque claro é muito prático... Não tem ninguém que faça a defesa desse povo aqui, mas esse povo aqui é forte, esse povo aqui tem voto, eu vou segurar esse povo aqui. Aí, vamos organizando, pedindo para que as pessoas comecem a ser político realmente... Já faz duas campanhas de deputados que estamos pensando na formação do nosso



partido preto e das comunidades de terreiro, porque isso seria uma boa, né? Agora precisa de muita assinatura porque é preciso de muita assinatura para formar um partido, eles botam para lascar, né? “Porque você não tem partido não, você tem que entrar no da gente”. Agora onde a gente vai estar? Não é que a gente queira só esquerda, mas é que os partidos de direita que são contra o que a gente discute e não querem nos ouvir.



Mãe Renilda de Oxóssi concedendo entrevista à Revista DHT (Giovanna Ignowsky Borba/DHT)

Aí eu venho pedindo uma organização assim, nós vamos fazer o ERO e vamos tirar uma proposta que seja conjunta, é nossa. O que nós queremos é isso para povo de terreiro. Eu não quero reformar o nosso terreiro. A gente não quer apoio para uma festa... Aí, o que nós precisamos é construir isso, que é justamente que todo mundo diga “a nossa proposta é essa”. Porque não dá para colocar tudo de uma vez, vamos botar uma proposta só, nós queremos isso. É isso que nós queremos. Ainda que não seja todos, mas que seja a maioria das lideranças. E ficar fortalecendo e continuando a discutir. Porque o que quebra muito os terreiros é o seguinte, as igrejas elegeram-se todas. Chega o período eleitoral, então as igrejas se juntam, as pentecostais se



juntam. Vamos dizer, tem um candidato da Assembleia, todas as Assembleias se juntam para eleger aquele candidato, mas o povo de terreiro não vota em povo de terreiro e o povo preto não vota em povo preto. Lasca a gente! Nós temos uma galera deputada, vários pretos candidatos... “Mas não me representa”. Por que não lhe representa? Você conversou com o candidato? “Não, mas é porque sei lá”. É porque o que representa é a pessoa que vai trazer o dinheiro para eu fazer a minha festa, então isso representa e eles pegam nisso. Quando chega o mês de agosto aqui na Paraíba, é festa para todos os cantos, aí está bombando a campanha e tome dinheiro para fazer festa aqui e festa ali. Minha gente, a gente tem que acabar com isso, não pode. Graças que tem uma boa maioria que me acompanha. Eu descobri mais ainda agora nessa campanha do Rio Grande do Sul, que assim que eu abracei a campanha, disseram “A gente está com a senhora, para onde a senhora for a estamos juntos”, aí isso é bom porque proporciona outra discussão. Mas a gente precisa pensar o que nós queremos para o povo preto nessa campanha agora para vereador. O que nós queremos para o povo de terreiro?

Quando João Balula era vivo era uma coisa, a gente conseguia sentar e decidir. Uma vez, quisemos ter uma audiência na Assembleia. “Guilherme Ferreira”¹⁰, que é desse grupo que está aí mandando, falou assim “Agora danou-se, como que eu descobro se eu sou branco ou se eu sou preto?”, só que a pele dele é branca. Aí Balula tinha uma marca, que era um espelhinho daqueles redondinhos, conhece, né? Ele tirou o bolso e falou assim: “Mas tu quer descobrir mesmo se tu és preto ou és branco?”, e ele respondia “Sim Balula, porque até agora eu sei que a minha pele é branca mas você disse que minha pele pode ser branca e eu não ser branco”. Balula disse “Está aqui o espelho, desça as calças e bote embaixo, se for roxo você é preto e se for vermelho, você é branco” [Todos riem]. A Assembleia estava lotada, foram pedir para Balula tirar da ata, ele disse “Não, o que? Se for tirar da ata isso vai ser uma confusão...”. Ficou na ata, até hoje está na ata [Todos riem]]. Ele fazia isso na hora com a maior naturalidade, certo? Isso com Balula era bem natural. Ou então ele fazia: “As mulheres deem uma rodadinha, bunda grande é preta, bunda pra dentro é branca” [risos]. Essas coisas ele fazia e ficava muito engraçado, ele era muito respeitado. É tanto que ele nunca quis um cargo de gestão. O povo dava secretaria, mas ele... [sinal de recusa]. Ele era concursado, mas não queria.

¹⁰ Nome fictício.



Meu filho dizia assim: “Mãe, esse povo se faz de besta, eles sabem mais do que a gente só que eles são safados, eles não prestam”. Aí quando chegava a época eleitoral, sentava com todo mundo e falávamos “Vamo votar em fulano, porque depois se ele não fizer nada a gente tira ele de novo”. E ficava nessa confusão, né? Olha, a gente entregou um documento a Cássio da Cunha Lima, até hoje nenhuma política dessa foi executada. Passa governador, aí sai governador, outro documento... Então a gente precisa ir agora para uma coisa básica. A gente quer isso, mas a gente quer uma política, a gente quer uma lei que garanta, porque a 10.639 é uma vergonha. Está aniversariando novamente e nada acontece. Agora o pior é que não é só aqui na Paraíba não, viu meu irmão? É nesse Brasil “véi” todo. Nos outros estados ainda é melhor. Aqui na Paraíba o povo tem muito... não é medo, a pobreza que é grande também... Aí os “caba” já sabe, vai ali na favela do Timbó, faltam dois dias para eleição, eles já pegam o nome, “Está precisando de quê?”, “Quero uma cesta básica”, aí já vai anotando os nomes. E a gente não corre pouco não na véspera de eleição, viu? Que é os carros com a moléstia da gente, que é ele dando as coisas e a gente atrás com o carro e chamando a polícia, é um confronto tão grande que tu não sabe. A gente com os carros atrás chamando a polícia, chamando o TRE, porque eles vão dar mesmo na cara de pau assim. Ali no Conjunto Mariz em Bayeux, os muros das casas são baixos por isso, porque quando é época eleitoral, na véspera de eleição, eles passavam a noite todinha acordado, com a luz do terraço apagada, que aí quem é candidato passa, joga dentro a sacola com o santinho e o dinheiro. Aí o “caba” passa os meses todinhos fazendo campanha aí o eleitor vai e vota naquele que deu algo.

Vic: Mãe, antes da gente encerrar, eu queria que a gente retomasse um pouco esse tema que estava permeando a entrevista, mas eu queria trazer uma questão mais pessoal que é a necessidade de combate ao racismo religioso aqui na Paraíba, né? A senhora recentemente foi vítima de dois episódios, um que foi na Assembleia e outro mais recente.

Mãe Renilda: O primeiro foi no dia 20 de fevereiro, na Assembleia Legislativa. Inclusive, nesse episódio nasce o dia do turbante que eu já quero convidar todos vocês para fazerem parte desse grupo. A gente tem que ir para a Assembleia com todo mundo de turbante. No dia 20 de fevereiro, nós tivemos uma audiência pública sobre liberdade religiosa. Porque nós temos um grupo que é um fórum que traz várias religiões em um contexto de discutir que todos estão em paz, cada religião se

entendendo. E quando eu saí daqui que chego na Assembleia, estava eu Lindóia, meu filho de santo de Santa Luiza, Elton Medeiros e duas filhas de santo dele. Descemos no elevador, a sessão não tinha começado ainda, uma mulher estava conversando com a recepcionista do evento e o cerimonial, que é Gabriel, desceu comigo de braço, “Ah não, não posso deixar a senhora descer só”. Por sorte que ele desceu e foi mais uma testemunha, parece que o orixá travou aquilo ali. Quando descemos o elevador, a mulher, quando me viu de turbante, veio de lá, segurou a porta do elevador, “Está amarrada, você não vai fazer nada aí”, fez aquele rebuliço lá no local, segurou a porta do elevador para eu não descer e o pessoal atrás querendo descer e não descia. Foi que Elton conseguiu sair, foi lá onde estava o pessoal e disse “Mãe Renilda está passando por um racismo ali agora mesmo”. O centro de referência veio logo correndo, um corre para aqui, para acolá, a gente correu tudo na mesma hora depois do acontecido, que terminou com ela subindo no elevador. Quando a moça do elevador foi ser ouvida pelo delegado, ela disse bem assim: “Mãe Renilda nem ouviu tudo o que ela falou, porque dentro do elevador quando, ela subiu, ela disse que Mãe Renilda era do satanás, que ela tava falando tudo aquilo porque não era de Jesus”. Lá no depoimento tem, você pode pegar depois. E nisso, o delegado ficou doido, ele estava lá na sessão, foi atrás dela, chamaram mais seguranças para irem atrás, para ver se pegavam ela em flagrante, mas não conseguiram. [Se fosse pega em flagrante] Ela não conseguiria nem ir para casa, porque é inafiançável e tinha todas as testemunhas. A sessão que seria só sobre liberdade religiosa se transformou numa sessão de discutir esse racismo, porque o que foi que aconteceu? Esta senhora, que a gente pensava que era uma funcionária, não era, tinha ido simplesmente levar o currículo para o deputado que estava presidindo a mesa da sessão, que é “Antônio”¹¹. Na hora ele ficou louco, porque diziam que era uma funcionária. Aí estava a Dra. Janaína, que é procuradora federal, a Dra. Liana, estava todo um contexto de direito dentro da Assembleia.

E o outro [episódio] foi esse do Centro de Referência da Cidadania, onde a moça do RH disse que eu podia fazer um trabalho como mãe de santo e resolver todo o problema do setor, tanto do CRAS...Esse foi o mais recente. Porque se a gente for elencar o que é passado no dia a dia... Eu disse, “Mas será possível eu vou ter que andar com três testemunhas do lado?” [risos]. Uma para estar filmando e gravando...

¹¹ Nome fictício.

A gente quando ver o povo já tem que ligar [o celular] para gravar, será possível um negócio desse? E, minha filha, isso é diário. Chega na boca do caixa [no mercado], e o(a) funcionário(a) [cantarolando], é o hino evangélico, né?

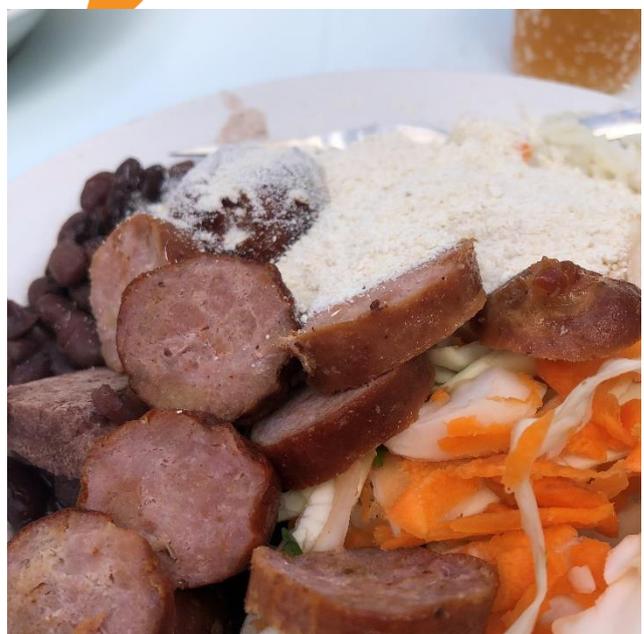
Eu passei outro [episódio de racismo] muito sério, que foi naquela feira Mostra Brasil. Cheguei na feira e aí formou-se a fila para entrar, eu era a pessoa da frente, a mulher estava no final, ela saiu do final e veio na porta para dizer “Sangue de Jesus tem poder, você está amarrada em nome de Jesus”. [Eu perguntei] “Está acontecendo alguma coisa com a senhora? [Todos riem]. Algum problema? Porque a senhora saiu lá de trás para me agredir”. Essa mulher disse tanta coisa. Ela parecia uma pessoa desequilibrada naquele momento. Tinha um segurança que era policial. Eu disse “E o senhor está aí? Está vendo tudo isso e não faz nada?”, aí ele respondeu “Ah, mas isso não é nada demais não, se for para a delegacia não resolve nada”. Eu disse “O senhor quem acha que não resolve, viu? O senhor está totalmente enganado. E o senhor pode ser responsabilizado por não fazer nada estando aí, que não era para estar. O seu lugar era trabalhando na rua para defender o povo”. Essa mulher daqui a pouco desmaiou dentro do negócio da feira da Mostra Brasil. Lá vem o Samu buscar essa mulher e ela gritava assim “O satanás me derrubou” [risos]. Como eu estava sem testemunha nenhuma, eu não podia nem fazer nada. Não é o povo ali da frente que vai querer ser testemunha. E ela gritava: “O satanás me derrubou”. E eu disse “Já provou que satanás tem poder, o seu satanás”, porque nós não temos satanás, satanás é deles, o satanás é uma criação para fazer medo ao povo, você acredita? O satanás não é nada mais que uma peça para fazer medo às pessoas. “Olhe, se você fizer isso, satanás vai...”. E outra, essa história de “fogo do inferno” também é outra. “Se você morrer vai para o fogo do inferno”. Que fogo? Aí eu digo para o povo: “Alguém já andou de avião? Que você fica olhando é tanta nuvem cheia d’água para descer” [Risos]. “Ah, mãe, o céu é onde?”, é aqui. “E o inferno é onde?”, é aqui. O céu é aquilo que você constrói aqui, essa coisa boa, essa conversa, esse papo que a gente constrói aqui, tentando melhorar a vida do povo, isso que é o céu. Inferno é você querer fazer todas essas maldades com a vida do povo. É isso.

Antônio Pedro: Mãe, nessa tarde de sábado a senhora abriu as portas da sua casa para que nós entrássemos, conversássemos de uma forma super acolhedora, carinhosa como sempre, trazendo muita força, muita representatividade, muita resistência também. Então nós temos muito a te agradecer por essa tarde de



aprendizado, por todo o contato que nós temos com Mãe Renilda, que é essa referência para nós, de luta, de mulher negra, de mulher LGBTQIAP+, de mãe de santo, de terreiro... Então nós encerramos essa entrevista, agradecendo muito pelo momento. Saiba que a senhora é maravilhosa e muito obrigado mesmo por essa tarde.

Mãe Renilda: A casa de Oxóssi está sempre de portas abertas. O ilê está aberto. Dia 30 a gente tem festa no barracão, se vocês quiserem vir podem vir para ver um candomblé. Porque às vezes a gente está estudando mas precisa também conhecer a prática para poder saber falar desta prática, porque há uma confusão muito grande nos *posts* da vida que tem esses panfletos que a gente luta tanto contra e não consegue, deturpando a nossa história. E aí vocês estão convidados para vir no dia 30 se puderem vir. A casa de Oxóssi abençoa vocês. Que vocês tenham sucesso na profissão que estão procurando, para defender justamente aqueles que mais precisam, com tanta injustiça que eles sofrem e que vocês possam ser amanhã um defensor público, uma defensora pública. A gente sabe que essa profissão lá fora ganha muito mais dinheiro. Mas ainda acredito muito que a defensoria pública é o espaço de poder que garante o direito a todas e todos e a sociedade precisa realmente conhecer esse instrumento que é grandioso e que muita gente não conhece. Porque, infelizmente, a gente tem aquele bom e aquele que não é e a gente precisa desconstruir também isso. Sejam sempre bem vindos. Agora um lanchezinho. Na casa de Oxóssi tem comida, não pode sair sem comer [Risos].



Acarajé e feijoada servidos no terreiro Ilê Axé Oju Ofá Dana-Dana, casa de Oxóssi (Giovanna Ignowsky Borba/DHT)



A equipe da Revista DHT reunida com Mãe Renilda ao final da entrevista. Da esquerda para a direita: Mauren Kelly de Souza Santos, Gabriela Novaes Santos, Mãe Renilda de Oxóssi, Victor de Oliveira Martins, Giovanna Ignowsky Borba e Antônio Pedro Casqueiro dos Santos (Giovanna Ignowsky Borba/DHT).